

## A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM

**JEFFERSON ANTONIO DO PRADO** ([pradoj2000@yahoo.com.br](mailto:pradoj2000@yahoo.com.br)) - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista-UNESP. Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Columbia del Paraguay - PY. Professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Nove de Julho - UNINOVE -São Paulo - SP.

**RESUMO:** Este artigo, fruto de um levantamento bibliográfico sobre o tema, tem como objetivo, a partir de uma visão psicológica, identificar como a afetividade entre professor e aluno pode contribuir para uma educação de qualidade de forma acolhedora e prazerosa. A análise se fundamenta nas ideias de pensadores como Vygotsky, Piaget e Wallon que nos atenta para a afetividade como ponto de fundamental importância, tanto para o professor quanto para o aluno, contribuindo para uma educação de qualidade. Os vínculos emocionais que se estabelecem desde o nascimento influenciam na construção e desenvolvimento do sujeito, propiciando-lhe ferramentas necessárias à aquisição da aprendizagem, sua conservação e continuidade. Quanto às considerações finais, consideramos que a afetividade na aprendizagem permite pensar, a partir das teorias Walloniana, Vygotskyana e Piagetiana, uma ruptura nas finalidades formativas dos sistemas educativos atuais. Para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, já que a afetividade assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afetividade. Aprendizagem. Relação professor e aluno.

**RESUMEN:** En este artículo, el resultado de una revisión de la literatura sobre el tema, objetivos, desde un punto de vista psicológico, identificar cómo afecto entre profesor y el alumno puede contribuir a una educación de calidad acogedora y agradable manera. El análisis se basa en las ideas de pensadores como Vygotsky, Piaget y Wallon atento con nosotros a la afectividad como un punto de importancia fundamental tanto para el docente y el alumno, lo que contribuye a una educación de calidad. Los vínculos emocionales que se establecen desde el nacimiento influyen en la construcción y desarrollo de la materia, que le proporciona las herramientas necesarias para el aprendizaje de adquisición, preservación y continuidad. En cuanto a las consideraciones finales, creemos que el afecto en el aprendizaje a sugerir, a partir de las teorías de Valonia, Vygotskiano y Piaget, una fractura de los propósitos de formación de los sistemas educativos actuales. Para ello, no hay que descuidar ninguna de las potencialidades de cada individuo, como la afectividad juega un papel clave en el establecimiento y funcionamiento de la inteligencia, como lo son las motivaciones, necesidades, deseos que impulsan los intereses del niño al conocimiento y la conquista de mundo que les rodea.

**PALABRAS CLAVES:** Afecto. Aprender. El profesor y alumno.

## 1. INTRODUÇÃO

Toda criança, desde seu nascimento, tem a necessidade de atenção e afeto para viver num processo contínuo e harmônico de socialização, bem como de integração familiar e social. No ambiente escolar, os alunos que manifestam sentimentos de prazer, e são bem-sucedidos em sala de aula, são aqueles cujos esforços foram incentivados.

Quanto aos alunos menos favorecidos intelectualmente, referem-se àqueles que são frutos de atitudes não encorajadoras. Neles, emergem sentimentos de inferioridade em relação a si mesmo e aos outros alunos. Isso evidencia a importância da afetividade presente na vida do aluno. Nesse sentido, observamos comportamentos entre professor e aluno que, muitas vezes, não compreendemos, mas que despertam nossa atenção e nos levam a refletir melhor a postura entre ambos.

O relacionamento entre professor e aluno, pode resultar em consequências negativas, gerando conflitos em sala de aula. Diante disso, questionamos em que momentos os conflitos em sala de aula dificultam a construção do conhecimento do aluno.

E como diferentes atitudes emocionais e comportamentais podem interferir na postura pedagógica do professor em sala de aula. A afetividade, quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno. E é a segurança, bem como a confiança depositada no

professor os elementos fundamentais para a construção do processo de aprendizagem.

O afeto no ambiente escolar não está somente no ato de carinho como, por exemplo, abraçar ou beijar o aluno como manifestação de cumprimento de sua chegada à sala de aula. Contudo, é o olhar confiante do professor, em relação à aprendizagem do aluno, que proporciona segurança e equilíbrio entre ambos.

Diante disso, durante o processo de construção de conhecimento, o aluno tem necessidade de se sentir aceito e acolhido dentro de suas limitações. Por isso, o afeto do professor é o ponto principal para o aluno interagir com a escola.

Assim sendo, a necessidade de afeto do aluno e do professor se entrelaça numa relação recíproca que evolui durante o ano letivo. Entretanto, no decorrer desse período as necessidades afetivas se modificam e tornando-se cognitivas.

Este artigo, cuja pesquisa é de levantamento bibliográfico, tem como objetivo investigar a importância da afetividade na aprendizagem, identificando como a interatividade entre professor e aluno pode contribuir na sala de aula de forma acolhedora e prazerosa. Para isso, utiliza-se do referencial teórico, cujo olhar atenta para afetividade como ponto de equilíbrio, tanto para o professor quanto para o aluno, contribuindo para uma educação de qualidade.

## 2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A relevância da pesquisa acerca da importância do afeto para a aprendizagem surgiu a fim de se propor, a partir das teorias Walloniana, Vygotskyana e Piagetiana, uma ruptura nas finalidades formativas dos sistemas educativos atuais.

Isso se justifica, uma vez que não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, já que a afetividade assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.

## 3. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo “A importância da Afetividade para a Aprendizagem” tem como finalidade, a partir um levantamento bibliográfico sobre o tema, sob o aspecto psicológico, identificar como a afetividade entre professor e aluno pode contribuir para uma educação de qualidade de forma acolhedora e prazerosa.

A análise se fundamenta nas ideias de pensadores como Vygotsky (2003), Piaget (1998) e Wallon (1989) que nos atenta para afetividade como ponto de fundamental importância, tanto para o professor quanto para o aluno, contribuindo para uma educação de qualidade.

Os vínculos emocionais que se estabelecem, desde o nascimento, influenciam na construção e

desenvolvimento do sujeito, propiciando-lhe ferramentas necessárias à aquisição da aprendizagem, sua conservação e continuidade.

## 4. OBJETIVO GERAL

Identificar, a partir de uma visão psicológica, como a afetividade entre professor e aluno pode contribuir para uma educação de qualidade de forma acolhedora e prazerosa.

### 4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar como a afetividade na aprendizagem é elemento de fundamental importância, tanto para o professor quanto para o aluno, contribuindo para uma educação de qualidade.

Averiguar como os vínculos emocionais, que se estabelecem desde o nascimento, influenciam na construção e desenvolvimento do sujeito, propiciando-lhe ferramentas necessárias à aquisição da aprendizagem, sua conservação e continuidade.

## 5. A AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY

Para Vygotsky (2003), só se pode compreender por completo o pensamento humano quando se compreende a base afetiva. Assim como na teoria walloniana, o pensamento e afeto são indissociáveis. Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. A vida emocional está conectada a

outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral.

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial. (VYGOTSKY, 2003 apud ARANTES, 2003, p.18)

Tanto Vygotsky (2003) quanto Wallon (1985) afirmam que não se pode separar afetividade e cognição. Vygotsky (2003) evidencia o pensamento com sua gênese na motivação, a qual inclui tendência, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento.

A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem, por exemplo, a geografia, mas que sintam as reações emocionais, a fim de que se constitua o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos. Quando entra na escola, torna-se ainda mais evidente seu papel na relação professor-aluno. As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo.

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento,

devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (VYGOTSKY, 2003, p.89)

Um professor que é afetivo com seus alunos oportuniza o estabelecimento de uma relação de segurança, evitando bloqueios afetivos, bem como cognitivos, auxiliando no trabalho socializado, ajudando o aluno a superar erros e a aprender com eles.

## 6. AFETIVIDADE SEGUNDO PIAGET

Para Piaget (1998), o desenvolvimento afetivo está ligado, intrinsecamente, e ocorre paralelo ao desenvolvimento moral. A criança vai superando a fase do egocentrismo e se apercebe da importância das interações com as outras pessoas, desenvolvendo a percepção do eu e do outro como referência.

Quando entra na escola, torna-se ainda mais evidente seu papel na relação professor-aluno. As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas.

A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de

emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada. Um professor afetuoso com seus alunos favorece o estabelecimento uma relação de segurança, bem como evita bloqueios afetivos e cognitivos, auxiliando no trabalho socializado, ajudando o aluno a superar erros e a aprender com eles.

Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo. Portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente (PIAGET, 1983, p. 234).

Desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é obra da sociedade e do indivíduo. Contudo, segundo Piaget (1998), mesmo sendo o homem um “ser social”, isso não significa optar por uma teoria que explique como o “social” interfere no desenvolvimento e nas capacidades da inteligência humana. O equacionamento que o autor dá para esta questão passa por dois momentos.

O primeiro: entender o que é ser social. O segundo: fatores sociais explicam o desenvolvimento intelectual. O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade. E, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 12).

Apesar de Piaget (1983), considerar que o conhecimento é construído pela criança em sua interação com o meio, acreditava que todas as crianças se desenvolvem através de estágios – formas de apreensão da realidade – até atingirem o pensamento formal, em que são capazes de pensar sobre o pensar. Para o autor, o equilíbrio faz parte do desenvolvimento cognitivo. O critério seguido por ele é a qualidade de troca intelectual entre os indivíduos, conseqüentemente, o ótimo grau de socialização só acontece quando esta troca atinge o equilíbrio.

Em síntese: no total, o equilíbrio de uma troca de pensamentos supõe 1) um sistema comum de signos e de definições 2) uma conservação de proposições válidas obrigando aquele que as reconhece como tal 3) uma reciprocidade de pensamento entre os interlocutores (PIAGET 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 14).

Para que o equilíbrio ocorra, são necessários interlocutores que possam cumprir esta regra numa relação social. E isso só acontece quando os sujeitos se encontram no mesmo nível de desenvolvimento, começando pelo estágio sensório-motor. Para Piaget a partir da aquisição da linguagem, inicia-se a socialização efetiva da inteligência.

Porém, na fase pré-operatória algumas características ainda limitam a socialização equilibrada. Em primeiro lugar, falta “a capacidade de aderir a uma escala com uma referência, condição necessária ao verdadeiro diálogo”. (LA TAILLE, 1992, p. 15).

Um exemplo clássico são os jogos de regras, em que cada criança tende a seguir as suas. Em segundo lugar, vem a contradição.

Tudo se passa como se faltasse uma regulação essencial ao raciocínio: aquela que obriga o indivíduo a levar em conta o que admitiu ou disse, e a conservar esse valor nas construções ulteriores. (PIAGET, 1998apud LA TAILLE, 1992, p. 15).

E, por último, a criança pequena tem dificuldade em se colocar no ponto de vista do outro, o que impede a reciprocidade. Essas três características, Piaget (1983) chamou de “pensamento egocêntrico”, ou seja, como o próprio nome diz “centrado no eu”.

Nessa fase, por exemplo, as crianças são influenciáveis pelas ideias dos adultos, repetem comportamentos, acreditando ser seus. Por isso, as interações sociais são precárias, pois a criança ainda é heterônoma.

A partir do estágio operatório as interações sociais se efetuam com maior equilíbrio. Paralelamente a isto, a criança alcançará o que Piaget (1983) define de “personalidade”.

A personalidade não é o “eu” enquanto diferente dos outros “eus” e refratário à socialização, mas é o indivíduo se submetendo voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal, longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização.

## 7. A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO NA PSICOGENÉTICA DE WALLON

Para Wallon (1989), o psiquismo tem início no primeiro ano de vida da criança, mais precisamente no período em que ele denomina de impulsivo-emocional, fase da criança que é pura necessidade fisiológica, vista como meio de sobrevivência nato do ser humano.

O bebê manifesta sua vontade por meio do choro, traço que marca profundamente as bases sociais e fato que garante a sobrevivência, pois do contrário, esse bebê naturalmente pereceria. Em outras palavras, uma forma de desenvolvimento, pois uma vez que ao sentir a sensação de fome e vivenciada uma situação em que o choro faz com que o adulto entenda a sua necessidade, ele repete a ação para que sua necessidade seja suprida.

Essa manifestação emocional mais primitiva fez com que Wallon mergulhasse e observasse a influência dessa ação na inteligência humana. Apresentando-se bem complexa e um tanto paradoxal, pois de acordo com Dantas (1992, p. 89) “[...] ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social”.

Dantas (1992, p. 86) ressalta as origens das emoções e o seu declínio gradativo de acordo com a maturação envolto à constante reflexão sobre o antagonismo cerebral em que “a razão nasce

da emoção e vive da sua morte”. A autora apresenta mais um indício do vínculo entre a atividade emocional em detrimento do racional no qual é possível definir a conduta entre o indivíduo racional, sua contradição e equilíbrio entre dois mundos, valendo-se, portanto da perspectiva dialética apontada por Galvão (1995).

Nesse sentido, caberá ao professor envolver o afetivo e o cognitivo como aspectos indissociáveis para uma aprendizagem positiva. Leite (2006) considera que, dentre as atitudes pedagógicas que o professor traçar em seus planejamentos de ensino, a afetividade deve sempre permear suas decisões e escolhas para um desenvolvimento completo da criança sob a forma, também, de aprendizagem.

De acordo com Galvão (1995, p. 43), Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente.

Sobre o que a criança dispõe até o momento para interagir com o meio ambiente pode-se chamar de cultura, ou seja, o que se aprende e mantém como modelo para utilizar em situações futuras. As culturas acumuladas e disponibilizadas para os indivíduos são as responsáveis pelo seu crescimento do convívio sociedade.

A criança herda do adulto os modelos, as regras, a maneira de ser, os hábitos nessas

relações sociais diretas. Dessa maneira, pode-se concluir que, quanto mais investir nesse período exclusivamente infantil para a formação de bons hábitos, melhores adultos desenvolvidos surgirão.

A partir da psicogenética de Wallon (1989), tanto a criança quanto o adulto se relacionam de modo interativo no seu desenvolvimento a partir da sua genética e de todo ambiente disponibilizado de acordo com a cultura, com a época e a sociedade em que estão inseridos.

A espécie humana carrega uma conduta interna própria capaz de interagir com o ambiente e com outro exemplar de sua espécie, numa relação recíproca, perpetuando a sua espécie, e é nessa dinâmica que se constitui a pessoa.

Segundo Mahoney e Almeida (2004), o desenvolvimento, então, está sendo entendido como um processo constante, contínuo de transformações dessa relação ao longo da vida. Isso não significa que seja um processo linear, mas ele comporta fluxos e refluxos necessários ao ajuste das funções espontâneas da criança às exigências do meio em constante movimento e passível de mudanças.

Como o meio é passível de mudanças, as novas aprendizagens estão reunidas conforme os estágios em que o ser humano perpassa durante toda trajetória de vida, entre progressos e retrocessos, conforme os conjuntos funcionais que determinam o psiquismo e que são apontadas, como o ato motor, as relações de afetividade, a cognição e a pessoa, conforme Mahoney e Almeida (2005).

No momento que aparece o movimento corporal é também o primeiro contato com o outro, pois por aí acontece às interpretações e intenções e ao mesmo tempo a união, submergindo a necessidade do outro para sobreviver, as relações afetivas que, além de promover a construção do conhecimento, demarcam a reprodução de suas culturas.

Por meio do ato motor somos capazes de transmitir ao outro as nossas necessidades e aprender por meio deles. Isso comprova que, sem o desenvolvimento deste aspecto, talvez, jamais haveria aprendizagem, uma vez que se parte do ato motor para o ato mental, com movimentos de idas e vindas e que acontecem quando a coordenação motora é aguçada (MAHONEY E ALMEIDA, 2004).

Fecunda-se, então, a importância do ato motor para o desenvolvimento da pessoa completa e a subsistência da vida em sociedade, desenvolvendo a cultura e transformando o meio conforme suas atitudes e ideias, ou seja, aprendizagens. Observemos, então, como isso ocorre com o desenvolvimento da cognição.

## **8. A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Dessa forma, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno no cotidiano escolar.

Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam. Muitos são os fatores que afetam a aprendizagem do aluno, principalmente quando a afetividade não faz parte de alguns momentos de sua vida cotidiana e escolar. Portanto, a afetividade é capaz de derrubar a baixa estima e rótulos comuns em sala de aula quando o aluno não aprende.

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor.

Essas ações favorecem a afetividade no aluno e o professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção fazem parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

Quando observamos nossos alunos, percebemos que o olhar tem significado de expressividade da alma, são manifestações de sentimentos que podem ser interpretados de forma positiva ou negativa. O olhar do professor influencia no comportamento do aluno, quando interpretado de forma negativa, gera desconforto em sala de aula.



O olhar do professor para o aluno é indispensável para o sucesso da aprendizagem, da autoestima e da valorização do aprendiz. É por meio de uma nova interpretação do olhar para a aprendizagem do aluno que o professor descobrirá o talento que cada um possui. Ao refletir sobre as potencialidades e capacidades dos alunos, o professor fortalece a interação e a compreensão em sala de aula.

Isso inclui dar credibilidade as suas opiniões, valorizar sugestões, respeitar seus limites, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade. Para isso, o professor deve disponibilizar conversas e debates que possam encorajar o aluno a tentar de novo sem ter medo de errar. Dessa forma, o professor pode trabalhar várias atividades facilitadoras do conhecimento.

Vale ressaltar que a postura pedagógica do professor deve possibilitar ao aluno desafios que propiciem diversas interações, como sujeito do conhecimento e do afeto, favorecendo seu rendimento escolar. No ambiente escolar, a afetividade pode ser demonstrada na preocupação com os alunos e no reconhecimento de indivíduos autônomos.

Além disso, a relação de afetividade deve dar sentido à reflexão e a investigação sobre quem é o aluno, levando em consideração a experiência de vida de cada um. Quando o afeto prevalece em sala de aula, todas as conquistas dos alunos contribuem no processo de aprendizagem construindo elos entre afetividade e cognição.

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (GALVÃO, 1996, p.45).

Quando falamos em afetividade no âmbito escolar, abrangemos manifestações emocionais que se evidenciam dentro da sala de aula. Portanto, compreendemos a afetividade como sentimento construído através da vivência, da experiência, do reconhecimento e principalmente do respeito ao outro.

Os professores exercem um papel importante no desenvolvimento afetivo dos alunos, pois estão presentes no processo de ensino aprendizagem em todos os momentos de sua escolarização. A afetividade é como um recurso de motivação na aprendizagem do aluno, sendo assim, contribui no desenvolvimento das emoções que se evidenciam dentro da sala de aula.

Ao propormos a formação global do aluno nos diferentes contextos, é considerável como missão o aprendizado de forma agradável e acolhedora, tomando como foco principal da escola. Tratar da afetividade na relação entre o professor e aluno, é levar em consideração o estado emocional em que o aluno se encontra no momento, devendo perceber as atitudes e expressões emocionais na sala de aula.

## 9. CONCLUSÃO

A realização deste trabalho permitiu pensar a educação a partir das teorias walloniana, vygotskyana e Piagetiana que pressupõe uma ruptura nas finalidades formativas dos sistemas educativos atuais.

Gadotti (2000, p.10) escreve que uma educação assim, visa ao desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa.

Para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. Retoma-se que, para Wallon (1985), a afetividade assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor. Vygotsky (2003) também acredita que a motivação é a mola propulsora da busca pelo conhecimento.

A partir do momento que o educador estabelece uma relação social de cooperação, teoria defendida por Piaget, o processo de ensino/aprendizagem rompe a dicotomia entre cognição e afetividade, desmistificando a visão de relação maternal que se atribui aos aspectos afetivos, pois é possível aliar a disciplina, metodologia e emoção.

A conscientização do educador é fundamental, pois é ele o mediador, quem planeja as aulas e organiza os ambientes.

Quando toma consciência de sua importância na formação do aluno, a promoção de espaços democráticos para a construção coletiva do conhecimento torna-se um processo natural e necessário.

As escolas, por sua vez, devem se preocupar com a formação deste profissional que, hoje, tem um perfil de mediador. Devem, também, atuar junto a ele, incluindo-o em sua visão educacional, a afetividade, que é tão necessária para o bom desempenho dos alunos e uma educação de qualidade.

Hoje, pensamos que educar significa também preocupar-se com a construção e organização da afetividade das pessoas. Afinal, a escola, para cumprir seu papel, deve ser um lugar de vida e, sobretudo, de sucesso e realização pessoal para alunos e educadores.

Dessa forma, o estudo da afetividade, no contexto educacional, pretende compreender a relação professor-aluno, permeado pela participação ativa de ambos, envolvendo acordos e desacordos. Por meio dessa troca, a criança constrói sua visão de mundo, baseada nos sentimentos, valores e significados que apreende do meio e especificamente na escola.

Diante disso, fica clara a necessidade de construirmos um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais em segundo plano. O presente artigo é apenas o início de uma reflexão parcial deste tema que servirá de apontamento para futuras pesquisas.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, V. A. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2003.
- DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. (orgs.). **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LEITE, S. A. da S. **Dimensões afetivas na relação professor aluno**. In: TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 47-74.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. (org.). **A constituição da pessoa em Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.
- PIAGET, J. **Problemas de Psicologia Genética**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Abril Cultural, 1998.
- TAILLE, Yves de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WALLON, Henry. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa, Edições 70, 1975.
- \_\_\_\_\_ **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- WALLON, H. **As origens do pensamento da criança**. São Paulo: Manole, SP, 1989.

## 11. NOTA BIOGRÁFICA

### *Jefferson Antônio do Prado*

Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Columbia del Paraguay – PY. Professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Infantil da UNINOVE - Universidade Nove de Julho - São Paulo - SP. Endereço Profissional: Av. Dr. Adolpho Pinto, 109 - Barra Funda (Campus Memorial) - São Paulo - SP. Cep: 01156-050.



# ideário

Revista Científica do  
**INSTITUTO IDEIA**

---



**INSTITUTO  
IDEIA**